

MEMÓRIA EM LITERATURA: A representação da escola nos contos de Clarice Lispector

Antonia de Jesus Sales¹

¹Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE),
graduanda em Turismo. Caucaia, Brazil (inglestraducao@gmail.com)

Resumo: Este estudo objetiva analisar a presença e representação da escola nos contos de Clarice Lispector. Tal análise se torna relevante pelo fato de a escritora ter mencionado diversas vezes o ambiente escolar em sua obra. A partir da análise dos contos, na coletânea *Todos os Contos* (Rocco, 2015), e tomando este gênero como o escopo deste trabalho, buscou-se compreender como a escola é representada. Amparando-se em estudos similares já feitos neste campo (MATOS da ROSA, 2012 e GARCIA, 2005) e nos estudos sobre história da educação (ARANHA, 2006; FREIRE, 1980), ao final, observa-se que a escola aparece sempre como uma lembrança ou uma descrição dos personagens, que no geral, usam sua memória afetiva, quando buscam rememorar algum fato da juventude. Assim, como suas personagens femininas, Clarice menciona a escola, seja para justificar a descrição do cotidiano destas personagens, seja para descrever experiências do passado delas. Como espaço de construção da memória afetiva e de formação do homem moderno, este espaço se torna presente quando se busca relembrar fatos da infância ou da formação da personalidade. Neste sentido, este estudo se configura como uma relação entre literatura e o social, considerando que a escola é parte relevante da sociedade e que está presente na obra literária, aqui investigada.

Palavras-chave: Conto; Clarice Lispector; Escola; Literatura,

INTRODUÇÃO

A literatura com o seu poder de representação da realidade tem a singular capacidade de contar histórias. Dentro do contexto literário, podemos observar por um determinado recorte histórico, determinados costumes e fatos de uma época. A escola, como espaço de marcação profunda de memórias no coletivo humano, é um destes locais sempre representados na literatura e que através de análise documental, é possível observar sua atuação em outras épocas, assim como reconstruir o discurso de quem relatou ou descreveu este espaço. Assim, a literatura, por seus diversos gêneros textuais, se configura como um retrato de aspectos sociais de determinada época.

MATERIAL E MÉTODOS

Matos da Rosa (2012), em sua pesquisa, observou representações da escola, encontradas na literatura brasileira, no final do século XIX. A autora afirma que durante o século XIX, a escola aparece como instituição de cunho punitivo e cita algumas obras nesse sentido: *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852) de Manuel Antonio de Almeida, no

qual o protagonista da obra se sente obrigado a frequentar o ambiente escolar; *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Conto de Escola* (1884), ambos de Machado de Assis; *A Normalista* (1997), de Adolfo Caminha e *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1891).

Já Garcia (2005) buscou estudar a escola como personagem na literatura brasileira, mas com um enfoque no ensino de literatura na escola. O aspecto histórico e de memória não é fundamental no estudo de Garcia. Nosso enfoque, aqui, é buscar a menção à escola pelo viés histórico e de memória.

Os exemplos de personificação da escola, na literatura, citados acima, expressam de forma genuína, a forma como a literatura retrata a realidade de uma época. Da mesma forma, propomos, aqui, buscar elementos de representação da escola na obra de Clarice Lispector, mais especificamente através dos contos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutiremos agora o papel da escola como espaço fundamental da formação humana, remontando à sua história como instituição



formadora humana, justificando, a partir daí, o fato de a encontrarmos, rotineiramente, citada nas obras literárias de modo geral.

Ao caminhar pela cidade, observando seus prédios, é fácil saber quando se está diante de uma escola, isso porque esta é uma das instituições sociais mais antigas e conhecidas. Torna-se assustador imaginar que todas as pessoas passam em torno de quinze anos de suas vidas frequentando este espaço. E é interessante perceber que a história da escola e da educação acompanha todos os estágios da evolução humana, desde a formação da educação primitiva, mais informal, até o modelo de educação ministrado na escola atual. Talvez, por isso, ela é tida como o espaço de concretização e assimilação do conhecimento. Analisando-a do ponto de vista do contexto histórico, surgirão muitos questionamentos a respeito da atuação dessa instituição.

A educação nas comunidades primitivas era um ensino formal e tinha como objetivo o ensino das coisas práticas da vida cotidiana, focada na sobrevivência e perpetuação de padrões culturais, ou seja, não havia uma educação confiada a uma instituição específica, porque ela acontecia, espontaneamente, mediada pela convivência em grupo. É o aprender fazendo, interrelacionando vida e trabalho num processo constante. Com a conquista grega é que vem toda uma revolução na tradição do ensino, passando a ser vista de uma maneira racional (ARANHA, 2006).

O termo escola vem do grego *scholé* significando “lazer, tempo livre”. Esse termo era utilizado para nomear os estabelecimentos de ensino pelo fato de a tradição greco-romana não valorizar a formação profissional e o trabalho manual. Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da educação grega. O professor não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade, devendo formar os futuros governantes e ocupantes dos altos cargos. O mestre filósofo era o responsável pela educação dos seus discípulos, em geral cinco e, geralmente, ensinava política, artes, aritmética e filosofia.

Na Alemanha e na França é que se inicia a educação pública estatal, porém, sem o interesse de atender aos filhos da classe trabalhadora. No séc. XIX, ela é inaugurada nos Estados Unidos e no Brasil, no mesmo século, quando principiou o processo de industrialização do país. No século XX, no Brasil, construiu-se um ideal de sociedade do lazer ancorado na ilusão do mundo de consumo. Surgem os movimentos de contracultura (*beatniks*, *hippies*, *punks*); os movimentos de mobilização das minorias (movimento estudantil, feminista, grupos de

defesa dos direitos humanos) e o surgimento das ONGs. Todas essas mudanças exigiram um novo tipo de escola, principalmente uma escola pública, leiga, gratuita e obrigatória devido à vertiginosa industrialização.

Ademais, no Brasil, a educação só passou realmente a ser debatida no início do século XX, a partir das discussões surgidas com os intelectuais brasileiros (como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, dentre outros) que passaram a analisar a educação de forma mais profunda. Tal análise começou com o movimento escolanovista na década de 20, que surgiu como uma crítica à educação tradicional, buscando, acima de tudo a universalização do ensino no país. Preconizava ainda uma nova escola, onde o aluno passasse a ser ouvido e defendendo um espaço educacional uma que formasse um homem novo.

A partir desse movimento, surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), documento assinado e liderado por Fernando de Azevedo e com apoio de Aluísio de Azevedo, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, e várias outras personalidades. Tal manifesto surgiu porque não havia ainda um sistema escolar adequado ao país, dando uma forma mais racional à educação, cientificando-a. Nos anos 60, surgem movimentos contra a escola, propondo a desescolarização, e uma crítica ferrenha ao espaço escolar, surgindo, assim, uma nova concepção de ambiente escolar. A escola passa a ser vista sob a perspectiva de reprodutora das desigualdades sociais.

Para Paulo Freire, grande expoente e patrono da educação brasileira, a escola é o espaço onde se dá o diálogo entre os homens, mediatizados pelo mundo ao redor, surgindo daí a necessidade de transformação do mundo. Assim, para ele “Não devemos chamar o povo à escola para receber instrução, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (...) (FREIRE, 1980). Dessa forma, Freire considera a escola como um espaço político para a organização popular.

A história da educação, então, nos mostra que a escola, em sua formação na sociedade, teve diversas conotações, desde acusada de influenciadora das desigualdades sociais, passando pela necessidade deste espaço como ambiente de formação necessário. Estas múltiplas visões sobre o ambiente escolar podem aparecer também na

literatura, já que este campo de visão pode atuar como um retrato da sociedade em que vivemos e agimos.

A escola em Clarice Lispector

É nesse contexto, de organização da escola, no século XXI, que surge Clarice Lispector, que escreveu sobre este espaço em seus contos, publicados de 2020 até 1977, o ano de morte da escritora. A obra clariceana é conhecida pelo seu viés existencialista e pela representação feminina na maioria de suas personagens (NUNES, 1989). Assim, como escopo deste trabalho, analisaremos a coletânea de contos da escritora *Contos Completos* (Rocco, 2016).

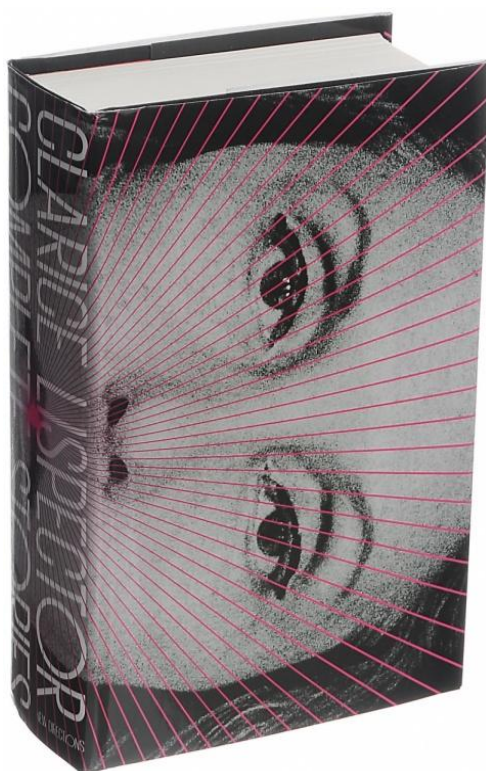


Figura 1. *Complete Stories*

Fonte:

<https://antigo.bn.gov.br/en/whats/news/2016/04/clarice-lispectors-translation-english-ranks-among-100-best>

Esta coletânea é marcante no caminho literário da escritora por ser a junção de todas as obras de contos de Lispector, tendo sido, inicialmente, publicado em língua inglesa – *The Complete Stories* (New Directions, 2015) e, posteriormente, no Brasil (Rocco, 2016), além de ter sido publicado em diversos outros idiomas (SALES,

2023). Esta coletânea contém 85 contos, oriundos de nove coleções de contos publicados por Lispector. No período de lançamento desta obra nos Estados Unidos, a escritora foi aclamada pela crítica, foi chamada de Virgínia Woolf brasileira pelo *The Wall Street Journal* (CRONIN, 2015).

Análise

Em “A fuga”, conto escrito na década de 40, Clarice descreve uma experiência de “fuga” de uma mulher casada, que aproveita um momento de escapismo da rotina marital, para ir a lugares que não costumava mais ir, desde que se casou, há doze anos. A escola, para esta personagem, surge como uma lembrança boa, como uma analogia à liberdade que tinha antes:

A história de não encontrar o fundo do mar era antiga, vinha desde pequena. No capítulo da força da gravidade, na escola primária, inventara um homem com uma doença engraçada. Com ele a força da gravidade não pegava... Então ele caía para fora da terra, e ficava caindo sempre, porque ela não sabia lhe dar um destino. Caía onde? Depois resolvia: continuava caindo, caindo e se acostumava, chegava a comer caindo, dormir caindo, viver caindo, até morrer. E continuaria caindo? Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade, pois costumava cansar-se pensando em coisas inúteis, apesar de divertidas (LISPECTOR, 2016, p. 89).

Neste conto, a escola aparece como um espaço de inserção no campo da imaginação. Neste sentido, o espaço educacional é descrito como um espaço de fomento e construção de boas lembranças. No caso da descrição do momento de escapismo de uma mulher adulta, que foge das agruras e da alienação do casamento, a personagem se volta para as lembranças do período escolar como um espaço de aconchego.



No conto “Amor”, uma dona de casa passa por um momento de epifania na sua rotina diária. Ao passar muito do seu ponto de descida do bonde, Ana vai parar no Jardim Botânico, onde se desencadeia uma série de reflexões, que tira a dona de casa da letargia que a tomava na sua rotina de dona de casa. A escola aparece como um sinal constante do seu cotidiano como mulher presa no serviço doméstico.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d’água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifes, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos (LISPECTOR, 2016, p. 153).

Neste conto, temos também uma personagem que busca a fuga, no caso uma dona de casa que procura fugir da alienação da ocupação doméstica e das obrigações do cotidiano, através do processo de rememorar os momentos felizes da infância, primordialmente voltados para o ambiente escolar e detalhes descritivos de como foi esse período para a personagem.

Já no conto “Preciosidade”, uma adolescente, prestes a completar dezesseis anos relata sua experiência no dia a dia, rumo a vida adulta. Neste período, ela ainda não “existia”, pois se sentia invisível perante os demais transeuntes. A escola surge, inicialmente, como um percurso normal do seu cotidiano:

Acordava antes de todos, pois para ir à escola teria que pegar um ônibus e um bonde, o que lhe tomaria uma hora. O que lhe daria uma hora. De devaneio agudo como um crime. O vento da manhã violentando a janela e o rosto até que os lábios ficavam duros, gelados. Então ela sorria. Como se sorrir fosse em si um objetivo. Tudo isso aconteceria se tivesse a sorte de “ninguém olhar para ela” (LISPECTOR, 2016, p. 206).

Depois, com andar de soldado, atravessava – incólume – o Largo da Lapa, onde era dia. A essa altura a batalha estava quase ganha. Escolhia no bonde um banco se possível vazio ou, se tivesse sorte, sentava-se ao lado de alguma asseguradora mulher com uma trouxa de roupa no colo, por exemplo – e era a primeira trégua. Ainda teria de enfrentar na escola o longo corredor onde os colegas estariam de pé conversando, e onde os tacos de seus sapatos faziam um ruído que as pernas tensas não podiam conter como se ela quisesse inutilmente fazer parar de bater um coração, sapatos com dança própria. Fazia-se um vago silêncio entre os rapazes que talvez sentissem, sob o seu disfarce, que ela era uma das devotas. Passava entre as alas dos colegas crescendo, e eles não sabiam o que pensar nem como comentá-la. Era feio o ruído de seus sapatos. Rompia o próprio segredo com tacos de madeira. Se o corredor demorasse um pouco mais, ela como que esqueceria seu destino e correria com as mãos tapando os ouvidos. Só tinha sapatos duráveis. Como se fossem ainda os mesmos que em solenidade lhe haviam calçado quando nascera. Atravessava o corredor interminável como a um silêncio de trincheira, e no seu rosto havia algo tão feroz – e soberbo também, por causa de sua sombra – que ninguém lhe dizia nada. Proibitiva, ela os impedia de pensar (LISPECTOR, 2016, p. 208).

Mais à frente, neste conto, a menina se torna adulta, uma vez que se percebe no ambiente em



que vive, e é percebida pelos que estão ao seu redor.

Então saiu. Sem saber com que enchera o tempo, senão com passos e passos, chegou à escola com mais de duas horas de atraso. Como não tinha pensado em nada, não sabia que o tempo decorreria. Pela presença do professor de Latim constatou com uma surpresa polida que na classe já haviam começado a terceira hora (LISPECTOR, 2016, p. 215).

Temos, assim, pela descrição da passagem da vida, pela descrição dos momentos de ida à escola, a transformação de um ser que não se sente existente, para um ser atuante e presente na vida. De uma adolescente tímida e reclusa em seus pensamentos, esta se transforma em uma pessoa atuante, pois seu pensar e ser no mundo mudam com ela.

Em “Mistério em São Cristóvão”, a escola é mencionada dentro da descrição do cotidiano de uma família, que em uma noite de maio passa por uma experiência de medo e atenção, quando 3 homens indo para uma festa a fantasia, param no jardim deles, causando aflição:

Ao redor da mesa, por um instante imobilizados, achavam-se o pai, a mãe, a avó, três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos. O sereno perfumado de São Cristóvão não era perigoso, mas o modo como as pessoas se agrupavam no interior da casa tornava arriscado o que não fosse o seio de uma família numa noite fresca de maio. Nada havia de especial na reunião: acabara-se de jantar e conversava-se ao redor da mesa, os mosquitos em torno da luz. O que tornava particularmente abastada a cena, e tão desabrochado o rosto de cada pessoa, é que depois de muitos anos quase se apalpava afinal o progresso nessa família: pois numa noite de maio, após o jantar, eis que as crianças têm ido diariamente à escola, o pai mantém os negócios, a mãe trabalhou durante anos nos partos e na casa, a mocinha está se equilibrando na delicadeza de sua idade, e a avó atingiu um estado. Sem se dar conta, a família fitava a sala feliz, vigiando o raro instante de maio e sua

abundância (LISPECTOR, 2016, p. 215).

Neste conto, temos um caso comum de descrição da família, onde as funções de cada pessoa pertencente são descritas. Assim, as crianças, como sujeitos que fazem parte de uma família, têm o papel de frequentar a escola e, de certa forma, tal função é descrita no excerto apresentado.

Em “Desastres de Sofia”, uma estudante, em uma paixão inocente pelo seu professor, mostra sua rebeldia, como resultado desse sentimento.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. Ele me irritava. De noite, antes de dormir, ele me irritava. Eu tinha nove anos e pouco, dura idade como o talo não quebrado de uma begônia. Eu o espiçava, e ao conseguir exacerbá-lo sentia na boca, em glória de martírio, a acidez insuportável da begônia quando é esmagada entre os dentes; e roía as unhas, exultante. De manhã, ao atravessar os portões da escola, pura como ia com meu café com leite e a cara lavada, era um choque deparar em carne e osso com o homem que me fizera devanear por um abismal minuto antes de dormir. Em superfície de tempo fora um minuto apenas, mas em profundidade eram velhos séculos de escuríssima doçura. De manhã – como se eu não tivesse contado com a existência real daquele que desencadeara meus negros sonhos de amor – de manhã, diante do homem grande com seu paletó curto, em choque eu era jogada na vergonha, na perplexidade e na assustadora esperança. A esperança era o meu pecado maior (LISPECTOR, 2016, p. 261).

No excerto acima, temos uma adolescente que através do estranhamento de sentimentos que nutre por um professor, ela cria forma de contato e de interação com esses sentimentos confusos para ela. Assim, uma série de



movimentos da jovem são descritos e observados pelo narrador.

Em “Uma amizade sincera”, a escola é o local onde dois amigos se conhecem. Um deles, narrador do conto, descreve todo o processo de aproximação e afastamento dos amigos, observando as várias fases da amizade, que do início ao fim se mostrou como uma “amizade sincera”.

Não é que fôssemos amigos de longa data. Conhecemo-nos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamos-nos tão contentes como se nós tivéssemos presenteado a nós mesmos. Esse estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto. Só que o assunto havia de ser grave, pois em qualquer um não caberia a veemência de uma sinceridade pela primeira vez experimentada (LISPECTOR, 2016, p. 338).

Vemos, pelo excerto apresentado, o início e o que parece ser o fim de uma amizade, do desabrochar dos bons sentimentos de companhia, que se tomaria íntima, ao afrouxar da relação, e tal relação é propiciada e permeada pelo ambiente escolar.

Em “Um dia a menos”, uma mulher solteira, que morava sozinha, e que estava sem a empregada, se mostra entediada e descreve todo o seu dia sem ter o que fazer. A escola é mencionada quando Margarida explica seu apelido no ensino primário:

Mas lá não estava o jornal: o diabrete do vizinho inimigo já deveria ter carregado com ele. Era uma luta constante a de ver quem chegava primeiro ao jornal que, no entanto, tinha claramente impresso seu nome: Margarida Flores. Além do endereço. Sempre que distraidamente via seu nome escrito lembrava-se de seu apelido na escola primária: Margarida

Flores de Enterro. Por que alguém não se lembrava de apelidá-la de Margarida Flores do Jardim? É que as coisas simplesmente não eram do seu lado. Pensou uma bobagem: até sua pequena cara era de lado. Em esquina. Nem pensava se era bonita ou feia. Ela era óbvia (LISPECTOR, 2016, p. 634).

A escola, no excerto acima, aparece como mais um ambiente de fuga, um escapismo de um momento de tédio, onde a personagem busca um espaço da imaginação e da memória onde pode descarregar suas emoções de tédio, do não ter o que fazer naquele momento. Para buscar uma boa memória, ela recorre aos momentos em que vivem no ambiente escolar, rememorando as implicações do seu nome naquele ambiente que ficou gravado na memória.

CONCLUSÃO

Pelos excertos, mencionados neste estudo, se evidencia a preferência pelas personagens femininas e pela abordagem existencialista, características já atribuídas à escrita clariceana. Observa-se, também, o espaço escolar, como o cenário comum, uma vez que boa parte destes personagens, ao descrever suas vidas e seu cotidiano, acabam mencionando a escola, um dos espaços em que estes mais passaram tempo e que ficaram marcados positiva ou negativamente.

A escola, então, como um espaço marcante na vida dos personagens, está presente em sete contos, conforme citados acima. A memória se torna, assim, um caminho comum, na construção dos personagens clariceanos. Nesse sentido, a escola como um espaço coletivo e, quase que obrigatório, a todo o ser humano, na sociedade atual, se mostra como uma fonte rica de memória afetiva, justificando as menções a ela. Assim, como um espaço representativo da vivência humana e de constituição da memória afetiva, é comum que seja lembrado constante, por isto, a menção nos diversos gêneros textuais, como os contos aqui esboçados.

Se a literatura é como um retrato da sociedade e se a escola é um espaço múltiplo e constante da vida humana, é natural que o ambiente escolar seja mencionado dentro das obras literárias. No entanto, é necessário observar como este espaço aparece, se como um personagem, se como cenário, ou se apenas como descrição da memória e história relacionados.

Há que se observar, também, que a obra de Clarice Lispector é permeada por fatos biográficos. Assim, as experiências vividas pela escritora são retratadas, principalmente, considerando



as experiências vividas em Recife, espaço onde cursou a maior parte do seu percurso escolar. Em algumas de suas obras, ela menciona, quem são os personagens descritos. Podemos citar, como exemplo, a crônica “Algumas punições”, onde Clarice rememora a amizade que teve como o matemático Leopoldo Nachbin, pernambucano como ela, e que estudou com ela em Recife. No conto “Felicidade Clandestina”, Clarice relembra a personagem da menina, filha do livreiro, como é chamada, e que esteve de fato presente na vida da menina Clarice. O Nordeste, assim, indiretamente, é descrito na obra da escritora.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006. (3ª ed. rev. ampl.)

CRONIN, Bruna. Clarice Lispector: Brazil's Virginia Woolf. *The Wall Street Journal*, 2015.

FREIRE, Paulo. Exílio e identidade: A trajetória de dez anos do IDAC. In: FREIRE, Paulo. Et al. *Vivendo e aprendendo experiências do IDAC em Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GARCIA, Celina Fontenele. *A escola, personagem da literatura brasileira*. 7 sóis, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os Contos*. São Paulo: Rocco, 2015.

MATOS da ROSA, Maria Eneida. Breves representações da escola na literatura brasileira no final do século XIX. *Universitas Humanas*, v. 9, 2012.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: lendo Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

SALES, Antonia de Jesus. (The) Complete Stories, de Clarice Lispector, no sistema literário de língua inglesa: peritextos e epitextos. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução: Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2023.